

CLÍNICAS DO TRABALHO E SENTIDO: O CASO DAS BENZEDEIRAS DE ALAGOAS

THE CLINICAL WORK AND MEANING: THE CASE OF BENZEDEIRAS OF ALAGOAS

Maria Jeane dos Santos Alves

Centro de Ensino Superior de Maceió – CESMAC

Marcus Tulio Caldas

Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

Laura Pedrosa Caldas

Companhia Hidroelétrica do São Francisco – CHESF

Rosana de Fátima Oliveira Pedrosa

Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE

Resumo. Este artigo nasceu a partir de uma pesquisa de doutorado sobre as benzedeadas de Alagoas. Os resultados nos levaram a questionar como as benzedeadas e seu ofício seria compreendido a partir das clínicas do trabalho e das considerações de Viktor Frankl sobre o sentido do trabalho. Assim o objetivo geral foi: compreender o trabalho das benzedeadas a partir das clínicas do trabalho e das reflexões de Viktor Frankl e como objetivos específicos: descrever o trabalho das benzedeadas, conceituar as clínicas do trabalho e valor, sentido e trabalho na obra de Viktor Frankl e, por último interrelacionar o ofício das benzedeadas com as concepções da clínica do trabalho e da obra de Viktor Frankl. Os sujeitos participantes foram cinco benzedeadas e cinco usuários de seus serviços. O instrumento utilizado foi a entrevista narrativa. A metodologia, qualitativa, de cunho fenomenológico foi considerada nos recortes realizados nas narrativas. Concluímos que o trabalho das benzedeadas apenas parcialmente pode ser compreendido pelas clínicas do trabalho. É fundamental para esta compreensão as concepções de trabalho como missão, transcendência, sentido e valor, encontrados na obra de Frankl. Consideramos em nosso trabalho tão importante as reflexões de Frankl que ousaríamos propor para as Clínicas do Trabalho, o mesmo que um dia foi pensado para a psicoterapia: a logoterapia/análise existencial como complemento necessário e indispensável para uma autêntica e humana clínica do trabalho.

Palavras-chave: psicologia organizacional e do trabalho; logoterapia; medicina popular.

Abstract. This article was born from a doctoral research on the benzedeadas of Alagoas. The results led us to question how the benzedeadas and their craft would be understood from the clinical work and considerations of Viktor Frankl on the meaning of the work. So the overall objective was: to understand the work of benzedeadas

from the clinics of the work and of the reflections of Viktor Frankl and as specific objectives: describe the work of benzedeiros, conceptualizing the work and clinical value, meaning and work on the work of Viktor Frankl and also combine the craft of benzedeiros with the conceptions of the clinic's work and the work of Viktor Frankl. The participants were five benzedeiros and five users of their services. The instrument used was the narrative interview. The methodology, qualitative, phenomenological slant was considered in the indentations made in narratives. We concluded that the work of benzedeiros can be only partially understood by the clinics of the work. It is fundamental to this understanding the concepts of mission work, transcendence, sense and value, found in the work of Frankl. We believe in our work as important reflections of Frankl that wouldn't dare propose to the clinics of the Work, the same as was once thought to psychotherapy: the logotherapy or existential analysis as necessary and indispensable complement to an authentic and human clinical work.

Keywords: organizational and work psychology; logotherapy; folk medicine.

INTRODUÇÃO

Esse artigo surgiu a partir de uma pesquisa de doutorado cuja questão dizia respeito à permanência do trabalho das benzedeadas na chamada modernidade técnica, ou seja, em uma época de referência estritamente científica. A partir da narrativa de cinco benzedeadas e cinco usuárias de serviços de benzeção, tendo como referência teórica o conceito de historicidade em Heidegger e como suporte para a análise dos dados a concepção de tradição em Gadamer, foram encontrados resultados que trouxeram questões de difícil resposta. Como compreender o trabalho das benzedeadas a partir das modernas teorias da clínica do trabalho?

Trabalho, palavra de origem latina – *tripalium* – refere-se ao instrumento de três paus que sujeitava os escravos a torturas como forma de castigo. Possui sentidos múltiplos e ambíguos, uma vez que diz respeito não só a um conceito, mas também à subjetividade de cada um, seus afetos e experiência de vida. Inerente à condição humana, gera uma relação entre a sociedade e a natureza (Albornoz, 1994).

Seu significado está igualmente atrelado à condição sociohistórica, à tecnologia disponível, aos recursos, ao conhecimento. Depende da posição que se ocupa na estrutura hierárquica e das relações de poder, da tarefa que se executa, das condições de trabalho, além de fatores da cultura organizacional. Na perspectiva socioeconômica, o trabalho garante a manutenção das pessoas e das organizações, ou aquilo que se paga pelo que foi

realizado. Na ótica do contrato formal, não há que se confundir emprego e trabalho. Emprego é um trabalho remunerado e baseado num acordo formal e prévio, enquanto que trabalho passa a configurar-se como a atividade executada. A forma de se executar e pensar o trabalho assume diferentes percepções (Antunes, 1995; Caldas, 2007; Borges & Yamamoto, 2014). No entanto, nenhuma dessas concepções acerca do trabalho parece conter o fazer das benzedeadas.

Albornoz (1994) descreve outras classificações, em que caracteriza o trabalho a partir do modo como se organiza. Todavia, parece que em nenhuma se enquadra o trabalho das benzedeadas. Não tem contrato de trabalho, não se configura num mercado formal, tampouco informal. No que se refere à complexidade, é relacionado à fé, ao ritual, às crenças e não parece possível mensurar como um trabalho simples, repetitivo, abstrato e complexo. É braçal? É intelectual? Não é remunerado, mas está distante de um trabalho voluntário, quando se atenta ao conceito de voluntariado. É mais próximo da realidade das benzedeadas dizer que é um trabalho gratuito. Entretanto é pouco para caracterizar o que fazem.

Borges e Yamamoto (2014) sugerem que o trabalho tem: (a) dimensão concreta: tecnologia, condição material e ambiental, segurança física; (b) dimensão gerencial: modo de gerir o trabalho, em termos de planejar, organizar, liderar e controlar; (c) dimensão socioeconômica: articula o modo de realizar o trabalho e as estruturas sociais, econômicas e políticas, incluindo: crescimento socioeconômico, renda média, oferta de emprego, força de trabalho;

(d) dimensão ideológica: discurso elaborado e articulado sobre o trabalho em nível coletivo e nas relações de poder; e (e) dimensão simbólica: aspectos subjetivos da relação trabalho e indivíduo. Portanto, onde os autores enquadrariam o trabalho das benzedeadas?

Caldas (2007), em uma tentativa de explicar o trabalho das benzedeadas, chama atenção ao trabalho sob a ideologia luterana. Nesta concepção o trabalho é uma vocação, um chamado de Deus ao homem para que cumpra sua missão de laborar e assumir seu dever, sem questionamentos. Assim, quanto mais sacrificado o trabalho, mais o obreiro se torna merecedor da graça divina. O retorno do trabalho duro, árduo, suado, é a conquista da ética do dever cumprido e do lugar digno no Reino no Céu. Esta concepção não se adequa ao trabalho das benzedeadas, pois mesmo sendo compreendido como uma vocação, um chamado, uma missão, uma resposta obediente a um dom divino, não há nelas o sentido de sacrifício, de sofrimento ou de busca de alguma recompensa.

Heloani (1996), em seus estudos, se refere ao trabalho capitalista. Acredita que esta perspectiva está distante de promover condições dignas de existência, tornando-se unicamente uma mercadoria de troca. O trabalho, ao contrário, deveria ser humanizado, não alienante, capaz de satisfazer às necessidades do trabalhador. Neste contexto o trabalho das benzedeadas denota-se antagônico: é doação, é cuidado, é humano, é digno. Por não ser remunerado, não gera lucro nem garante prosperidade.

Entre os princípios radicais propostos por Taylor e Fayol, o trabalho se resume aos aspectos:

formalista (a empresa é um conjunto de cargos hierarquizados); mecanicista (operários que se adequam às exigências da organização); naturalista (a organização do trabalho se dá mediante o parcelamento das tarefas); e hedonista (prevê o comportamento e o nível de motivação vinculada apenas à remuneração), conforme apontam Leite (1994), Heloani (1996) e Caldas (2007). Os estudos de Taylor e Fayol não previram o trabalho das benzedeadas, uma vez que não atende aos critérios: formal, mecanicista, naturalista e menos ainda hedonista do trabalho.

A Psicologia é uma das ciências humanas e sociais que contribui com estudos acerca das diversas formas de trabalho, inclusive quando de sua falta como no desemprego e na aposentadoria. O exemplo das benzedeadas, entretanto, contribui para pensar sobre o trabalho que vai além dos aspectos e características apontados até aqui.

O TRABALHO DAS BENZEDEADAS

A benzeção é considerada um “ritual de cuidado terapêutico”. Para Guilouski e Costa (2012, p. 93), “os rituais são compostos por uma série de ritos que podem ser de caráter religioso e não religioso”. De acordo com Fernandes (2011), o cuidado terapêutico possibilita ao corpo retomar seu vigor originário, sua saúde. Assim como todo ritual, a benzeção é composta por uma série de gestos e orações recitados pela benzedeadas, com o propósito do cuidado terapêutico e da cura, por meio de uma experiência com o sagrado. Sobre o ritual, Guilouski e Costa (2012) nos dizem:

Nessa linguagem os símbolos substituem as limitadas palavras. O ritual religioso pode propiciar ao indivíduo adentrar na profundidade do seu sentimento e realizar a experiência do sagrado (p.95)

O ritual das benzedeadas é realizado com compromisso e responsabilidade. E por se doarem totalmente aos afazeres ligados à benzeção, é quase impossível que exerçam outra atividade. Ser benzedeadas é um modo de viver e fazer. Tornou-se parte do que ela é, ao mesmo tempo em que a identifica, é identificada pelo que faz. Neste sentido, Fernandes (2011, p. 24) comenta:

Nós ocupamos o nosso tempo, nos ocupando com as coisas, isto é, tomando-as, agarrando-as, trazendo-as para dentro da envergadura do nosso cuidado, tornando-as assim, familiares de nosso mundo. O nosso cotidiano é, por isso, feito de afazeres. Isto se dá até o ponto em que passamos a ser identificados com aquilo que fazemos. Com efeito, no cotidiano nos definimos a partir daquilo de que nos ocupamos. Cada um tem o seu negócio, seu ofício, sua profissão. E passa a compreender o seu ser-no-mundo a partir das perspectivas abertas pelas suas ocupações.

Ser benzedeadas não é apenas um ofício, mas uma missão. O termo ofício, aqui, é compreendido por sacerdócio, algo que vai além do exercício profissional. Portanto, quando nos referimos ao fato de que a benzedeadas exerce o ofício da benzeção, estamos dizendo que ela carrega consigo uma atitude de doação, de

entrega. Vida a serviço do outro que necessita de ajuda, de conforto nos momentos de adoecimento. A preocupação com a acolhida, com a fé, com o ouvir, o respeito e o tratamento igualitário são características das benzedeadas.

Este ofício advém de uma herança, de uma tradição e de um conhecimento transmitido de geração em geração, um ritual que sobrevive até os dias atuais. É um saber e um fazer. Um conhecimento que a instrumentalidade técnica não conseguiu abarcar. A forma como é praticada e transmitida continua a mesma desde séculos.

Priore (1997) aponta que, no Brasil colônia, as pessoas já recorriam ao curandeirismo e à utilização de medicamentos caseiros por vários motivos, dentre eles a carência de profissionais. Como os nativos possuíam conhecimento, eram respeitados e a eles o povo confiava sua saúde.

Na colônia era melhor tratar-se a gente com um tapuia do sertão, que observa com mais desembaraçado instinto, do que com médico de Lisboa (...). A razão dessa preferência é que a maioria dos profissionais de então revelava uma insuficiente formação escolar e estava alheia aos avanços da medicina (...). O curandeirismo foi, assim, um mal provocado pela necessidade, um tipo de medicina prática na base de conhecimentos vulgarizados, popularizados, adquiridos através do empirismo (Priore, 1997, p. 88).

Segundo a mesma autora, o trabalho da benzedeadas na época era descrito como cura informal ou operação mágica. Isso porque, neste período, a doença era concebida como fruto de

ação sobrenatural sobre o corpo dos homens considerados pagãos e que sofriam repressão das forças religiosas da época. Dessa forma, os tratamentos eram realizados com a utilização de orações, plantas, gestos, amuletos e rituais.

Nesse universo pobre de conhecimento científico e amplamente rico em conhecimentos populares misturavam-se os saberes populares, indígenas e africanos. Somavam-se a eles os saberes trazidos pelos colonizadores europeus. Assim essa tradição cresceu, se fortaleceu e sobreviveu a toda evolução da sociedade com as mesmas particularidades.

Ainda neste contexto de mistura de saberes indígenas, africanos e europeus, outro depoimento nos foi concedido por uma médica psiquiatra que acredita nos benefícios da benzeção. Ela nos informou que fora criada por sua avó na cidade do Recife. Sua família possuía muitas terras e escravos. Seu avô, por ser abolicionista, libertou todos os escravos. Entretanto, muitos permaneceram voluntariamente com eles. Sua avó, que falava francês, tocava piano e pintava, aprendeu a benzer com uma negra que mesmo depois da alforria continuou vivendo com a família. A negra de nome Luiza lhes ensinou os segredos da arte da benzeção. E assim a senhora de família nobre que foi educada nos dotes das artes europeias também aprendeu com os escravos a arte da benzeção. Era o conhecimento fazendo o caminho inverso para a época. Agora vai da senzala a casa grande.

O trabalho da benzeadeira tornou-se conhecido entre as pessoas, divulgado pelos próprios beneficiários, a partir dos dons e dos resultados obtidos por meio da benzeção. E,

assim, o trabalho da benzeadeira se mantém até hoje, desde o Brasil Colônia.

No ato de benzer são usadas ervas como arruda, pinhão roxo ou folhas de jurema. No entanto, ao serem questionadas, as benzeadeiras não revelaram o porquê da escolha. O cultivo das ervas é feito ao redor da casa, reforçando a ideia das formas circulares e da relação com os rituais das deusas pagãs. Não obstante, as pessoas que procuram o serviço de uma benzeadeira afirmam que a cura está mesmo na força da oração.

A missão das benzeadeiras é repassada para algum membro da família, entre filhos ou netos, que demonstrem interesse em dar continuidade à benzeção. Os conhecimentos das benzeadeiras eram restritos a um grupo de pessoas, em sua maioria, analfabetas. Entretanto, uma das benzeadeiras que participou da pesquisa, narrou que sua neta, atualmente com 25 anos de idade, apresentou o desejo de continuar o ofício. Esta benzeadeira, ao contrário das antigas, possui o ensino médio completo, é funcionária pública aposentada e sua neta possui formação superior.

A mística está na vivência de sua espiritualidade, de sua ligação com o transcendente. As benzeadeiras parecem possuir uma intensa vivência espiritual. Mistério é tudo que é desconhecido, incompreensível ou inexplicável. O trabalho da benzeadeira envolve uma mística e um mistério. Este mistério está presente no murmúrio das orações que fazem em tom de voz cada vez mais baixo. Quanto mais o leigo fica atento, menos entende. A pessoa sob a benzeção se desliga do que acontece ao seu redor, sintonizando com o seu corpo e com a sua própria respiração, semelhante ao estado meditativo.

A benzeção é um ofício praticado com ética, seriedade, respeito ao outro e a sua individualidade. As pessoas que buscam a benzeção demonstram respeito pela benzeadeira e pelo ritual. Seriedade, envolvimento, respeito e fé estão presentes em todo o ritual – marcado por um silêncio quase sepulcral. O respeito durante a benzeção é semelhante ao se adentrar em um ambiente sagrado.

Ao se falar em cuidado amoroso com ética, Aragão (2015) nos diz que sem fé e amor não é possível defender valores. A benzeção é um bem cultural e um valor espiritual, que vem de geração em geração e envolve sentidos e sentimentos humanos.

Precisamos de uma nova ótica científica, que não separe os nossos corpos e subjetividade dos nossos objetos de conhecimento e ensino, que inclua nas pesquisas também aquilo que falta aos corpos para que tenham vida: sopro, espírito, relacionamento (...) é muito difícil ética sem mito e mística, sem reverência pelo mistério que o real esconde, sem envolvimento com todos os sentidos dos nossos corpos (...). Sem um pouco de fé e amor, nada tem lá muito valor nem é possível defender muitos valores (Aragão, 2015, p. 184).

Benzeadeira e benzeção envolvem e são envolvidas pela mística e pelo mistério do ritual, de modo que não se pode falar apenas de uma ou de outra. A vida da benzeadeira é praticar o seu ofício, que tem muitas exigências: cuidado com o cultivo e atenção às ervas que são utilizadas durante o ritual, ao ambiente da benzeção e,

consequentemente, às pessoas que procuram acolhimento. Portanto, o trabalho da benzeadeira não se restringe à benzeção. É realizado a todo o momento. Elas dedicam sua vida à missão, ou melhor, fazem da missão sua própria vida, pois esta só termina com a sua morte.

Em geral, o ambiente onde se realiza a benzeção é na sala da casa da benzeadeira. Próximo a um altar, devidamente arrumado e adornado com flores naturais e com velas sempre acesas, estão às imagens dos santos católicos de sua devoção, presentes em todas as casas onde se realiza o ritual. Toda ambientação conduz a um acolhimento para aqueles que a procuram. A recepção se dá com um diálogo sobre assuntos gerais, seguido de questionamentos sobre a vida e, por fim, o motivo da procura. Após o ritual, geralmente seguem as orientações e os cuidados, que vão desde tomar algum chá, banho, até mesmo o encaminhamento ao médico. Assim dizem: “isso não é para mim, fiz a minha parte, mas é doença de médico.”

A terapêutica de cuidado das benzeadeiras encontra-se em um contexto cultural que, durante muito tempo e de acordo com a necessidade da região, era utilizada na saúde da população. E, embora a medicina tenha evoluído, o lugar do conhecimento popular ainda permanece como é o caso das ervas, hoje utilizado pela homeopatia.

O trabalho das benzeadeiras permanece vivo através da arte de saber ouvir, da missão de benzer e da transmissão oral, passada para os membros mais novos da família, o que garante a sobrevivência desta prática histórica.

Esta preocupação com o trabalho

relacionado à missão e à cultura religiosa ratifica o modelo de desenvolvimento do Estado do Bem-Estar, ou seja, a ideia de promoção de bem-estar social. Embora os estudos de Lipietz (1991) e Mattoso (1995) relatem o fracasso do Estado do Bem-Estar, trabalhos como das Benzedeiros reacendem uma perspectiva do fazer por um ideal de solidariedade e de redução da desigualdade social. Um sentido de trabalho que no modelo capitalista é utópico.

O OLHAR DAS CLÍNICAS DO TRABALHO SOBRE A MISSÃO DAS BENZEDEIRAS

A condição laboral e a saúde do trabalhador é objeto comum de investigação entre as abordagens que estudam o tema Saúde Mental e Trabalho (SMT). Trata de modelos epistemológicos, teóricos e metodológicos que objetivam analisar o contexto de produção e as suas inter-relações dinâmicas entre o sujeito trabalhador, o trabalho e o meio (Bendassolli & Soboll, 2011).

Em sua maioria, a ênfase está na análise das novas configurações e arranjos organizacionais, nas patologias sociais e laborais e principalmente na relação homem-trabalhador-trabalho, além de seus impactos sistêmicos. Embora não se restrinjam às vivências de sofrimento e às fontes de adoecimento no trabalho, essas parecem ser a principal contribuição das abordagens.

Nas correlações entre saúde mental e trabalho, identificamos um conjunto de teorias denominadas clínicas do trabalho, preocupadas com as demandas sociais e com as crises e

mudanças constantes no contexto de trabalho. Segundo Lima (2011), trata-se da articulação entre o trabalho e os processos de subjetivação, ou seja, como a realidade laboral é vivida por cada sujeito, tanto na esfera social quanto psíquica.

Por outro lado, Bendassolli e Soboll (2011) comentam que as clínicas do trabalho vêm avançando no sentido de considerar inclusive os processos criativos e de construção do trabalhador, seu potencial para resistir e reagir frente ao contexto insalubre do trabalho. Nesta perspectiva, crescem as possibilidades de diagnóstico e de intervenções laborais, contribuindo para as práticas da Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT).

A Psicopatologia do Trabalho é a origem desta clínica que teve em Le Guillant, Veil e Sivadon seus principais precursores. Primeiro, com Sivadon que enfatiza os impactos do trabalho no trabalhador. Em seguida, Veil avança, incluindo em suas investigações o contexto de trabalho de seus pacientes. Mas é Le Guillant quem de fato inicia uma clínica do trabalho, ao diagnosticar situações reais de trabalho e classificar as manifestações psicopatológicas dos trabalhadores.

A psicopatologia do trabalho, na perspectiva de Le Guillant, sofre críticas de Wielczynsk e Merlo, exatamente por seguir o modelo médico e manter o foco na doença, em que avalia o trabalho a partir dos transtornos mentais, sem se preocupar com a tríade doença-saúde-trabalho. É a partir destas críticas que Dejours começa a estruturar a Psicodinâmica do Trabalho (Bendassolli e Soboll, 2011; Macêdo, 2015).

A França e o Brasil vêm se destacando em pesquisas sobre o contexto laboral. As teorias em SMT, como explicam Bendassolli e Soboll (2011), reúnem as patologias oriundas das exigências desmedidas do mundo do trabalho e o comprometimento dos recursos individuais e coletivos de enfrentamento, em quatro grupos: (1) Patologias da Atividade ou da Sobrecarga: incluem os diversos transtornos musculoesqueléticos, o stress, o burnout, a fadiga, entre outras; (2) Patologia da Solidão: trata-se da fragilização das atividades coletivas articuladas por regras, normas, atividades e identidades comuns, que isolam e individualizam os trabalhadores, impedindo-os de compartilhar entre si suas conquistas, medos e desafios, suas percepções sobre o contexto de trabalho e, quando necessário, de se rebelarem e modificarem as condições laborais inadequadas; (3) Patologia da Indeterminação: relacionada às dificuldades de compreensão dos meios e fins de seu ofício e da apropriação subjetiva do trabalho, ou seja, a dificuldade em compreender as contribuições efetivas do seu ofício para os resultados do negócio; (4) Patologias Associadas às Diversas Formas de Violência no Trabalho: destacam-se o assédio moral, sexual e a exposição do trabalhador a estratégias de poder que comprometem seus recursos pessoais e coletivos de defesa devido à assimetria nas relações hierárquicas e com a organização do trabalho e (5) Patologias Mentais Graves: patologias oriundas, muitas vezes, de situações pós-traumáticas, tais como: depressões, tentativas ou concretização de suicídios, inclusive no ambiente de trabalho, conforme pesquisas de Dejours e Bége (2010).

Para o diagnóstico e as possíveis intervenções sobre o contexto de trabalho e a saúde mental dos trabalhadores surgem as Clínicas do Trabalho, cujas abordagens apresentam alguns pontos convergentes: (1) o interesse pela ação do sujeito no trabalho, pela possibilidade de criar condições psicossociais para que o indivíduo e o coletivo de trabalhadores possam de fato se apropriar da atividade e agir sobre ela; (2) o conceito de trabalho, que não se restringe ao vínculo econômico ou ao emprego, mas, como cita Bendassolli e Soboll (2011, p. 13), “ele (o trabalho) é apreendido enquanto atividade sustentada por um projeto de transformação do real e de construção de significados pessoais e sociais”; (3) a crítica explícita à perspectiva de sujeito à luz das psicologias cognitivas e experimentais, que compara este homem a uma máquina, capaz apenas de captar informações do meio, processá-las e devolvê-las em forma de ações comportamentais; e (4) o lugar clínico do sofrimento no trabalho, ou seja, a preocupação das clínicas com a vulnerabilidade de cada trabalhador e do seu coletivo frente à possibilidade de manifestação do mal estar no trabalho e de adoecimento físico e psicossocial.

Como foi dito, existe não apenas uma, mas Clínicas do Trabalho, com alguns pressupostos comuns, porém com divergências epistemológica, teórica e metodológica, bem como com conceitos distintos de trabalho e subjetividade. Destacam-se as seguintes abordagens: Psicodinâmica do Trabalho, Clínica da Atividade, Psicossociologia e Ergologia.

A PSICOSSOCIOLOGIA E O TRABALHO DAS BENZEDEIRAS

Denominada ainda de Psicologia Social Clínica ou Sociologia Clínica, reúne um conjunto de abordagens. Seus principais precursores são: Gauléjac e Henriquez.

Sua principal fonte de estudo é a dupla formação do sujeito: o primeiro, marcado por elementos intrapsíquicos singulares e em geral inconscientes e o segundo, inscrito num contexto social e sua reciprocidade, ou seja, o psíquico e o social ou o coletivo e o individual (Bendassolli & Soboll, 2011).

Contribui para compreensão dos processos grupais, das organizações e das instituições e de seus impactos no processo de mudança social. A organização, nesta perspectiva, é constituída a partir dos elementos técnicos e normativos, além de elementos simbólicos inerentes à cultura e a dimensão imaginária, por sua vez compartilhada no coletivo. Define instituição como um conjunto de signos e de símbolos, de representações e de regras, fruto das práticas coletivas no contexto de trabalho. Uma das contribuições desta abordagem é a compreensão dos vínculos estabelecidos entre os indivíduos as instituições e as organizações.

Numa perspectiva sociológica, a Psicossociologia considera que os grupos, as organizações e as instituições costumam mediar à vida pessoal e profissional, além de possibilitar transformações e mudanças nos indivíduos. O objeto de estudo e de intervenções desta abordagem é, portanto, o indivíduo em suas

diversas interações no cotidiano. Utiliza a técnica de pesquisa-ação, mediante a colaboração entre pesquisadores e trabalhadores (Lévy, 1997 in Bendassolli e Soboll, 2011).

Segundo Zanelli et al (2010), a Psicossociologia tornou-se, em grande medida, esteio para a Psicologia da Saúde Ocupacional, cuja principal preocupação é a promoção da segurança, saúde e bem-estar dos trabalhadores, mediante o diagnóstico e a intervenção no contexto de trabalho. O objetivo é promover um ambiente laboral saudável e seguro, possibilitando o desempenho das atividades de modo produtivo, tanto na perspectiva organizacional como do trabalhador.

O diagnóstico, conforme sugere Zanelli et al. (2010), é uma etapa indispensável. Visa identificar e avaliar os fatores que podem impactar na saúde e no desempenho dos trabalhadores, das equipes de trabalho e da organização em si. Possibilita inclusive diagnosticar fatores advindos de outros públicos com os quais a organização e seus trabalhadores interagem, tais como: clientes, fornecedores, concorrentes, a sociedade em geral e, ainda, a dinâmica familiar, que afeta e é impactada mutuamente pelo trabalhador em seu contexto laboral.

Já a etapa de intervenção, conforme descreve Zanelli et al (2010), é um processo que tem início com a identificação dos fatores de risco e a escolha do método de investigação, isto é, dos procedimentos e técnicas que serão utilizados. É constituído por um conjunto de ações propostas com a finalidade de recuperar, prevenir ou promover condições de trabalho saudáveis.

Finaliza com o acompanhamento e controle das duas etapas propostas, diagnóstica e interventiva.

Ao compreender, através da pesquisa de campo com as benzedadeiras, sua realidade de trabalho, percebe-se que esta proposta clínica não atende possíveis sofrimentos em sua atividade profissional. Primeiro, porque a benzedeira percebe seu ofício como missão, como um dom e uma vocação, uma escolha. Por não ter vínculo formal de qualquer ordem ou mesmo remuneração pecuniária, nenhuma razão além do comprometimento com o ofício a faz permanecer nesta atividade até a morte, inclusive passando para suas próximas gerações a missão de benzedeira, conforme foi dito anteriormente. Portanto, para explicar o trabalho desenvolvido por elas é necessário trazeremos à discussão outros referenciais teóricos, que serão considerados neste trabalho

CLÍNICA DA ATIVIDADE DAS BENZEDEIRAS

Baseada na teoria de Vygotsky, Leontiev e Bakhtin, surgiu na década de 90. Seus principais precursores foram Yves Clot e Daniel Fáita. Segundo Clot (2011) essa clínica enfatiza a identificação de instrumentos que possibilitem a compreensão do contexto de produção real, visando ampliar a capacidade do trabalhador de agir sobre seu ofício, que não se resume à tarefa em si, mas a um fazer histórico e processual.

Defendem os estudiosos desta clínica, que o indivíduo constitui sua subjetividade através da atividade laboral, permeando as dimensões da história individual e do próprio ofício. Nesta

abordagem, a ideia de reconhecimento refere-se à capacidade do sujeito em reconhecer a si mesmo ligado a uma atividade, independente da percepção do outro.

O método proposto nesta abordagem é a autoconfrontação cruzada, ou seja, a proposta de diálogo entre dois profissionais, utilizando recursos audiovisuais, visando reduzir as controvérsias existentes acerca da atividade realizada, estimulando por sua vez que cada trabalhador se aproprie de seu ofício.

Por certo, a Clínica da Atividade permite uma compreensão da benzedeira sobre sua prática, permitindo-a ampliar seu modo de atuar. Neste caso específico, a clínica da atividade pode ser um método para promover entre essas trabalhadoras uma percepção sobre a importância de seu conhecimento prático para as pessoas que procuram seu trabalho de doação, de cuidado e de escuta.

ERGOLOGIA DO TRABALHO DAS BENZEDEIRAS

Esta abordagem visa conhecer o trabalho para intervir e transformá-lo, considerando a atividade humana em todas as suas dimensões, principalmente na filosofia da vida de Canguilhem e na ergonomia da atividade de Wisner.

Seu principal precursor é Yves Schwartz e nesta perspectiva o trabalho é a mola mestra da história humana e, portanto, precisa ser considerado a partir de situações concretas. Para esta abordagem, o trabalho ou a atividade favorece a um processo contínuo de

aprendizagem e ao mesmo tempo de transformação.

Nesta perspectiva, a intervenção visa estimular os trabalhadores a colocar em palavras sua atividade laboral, de modo que ela seja comunicada e submetida à confrontação de saberes, nas dimensões conceitual, histórica e dos valores referentes ao trabalho, como explica Schwartz (2011).

A provável contribuição desta clínica no trabalho das benzedoras é, certamente, promover com regularidade a fala dessas profissionais sobre seu ofício, sua missão. É através da fala interventiva que essas trabalhadoras poderão valorizar ainda mais seu conhecimento prático, respeitando ainda mais seus limites quando as pessoas que procuram uma benzeção requerem cuidados médicos, conforme foi demonstrado na pesquisa de campo.

Esta possibilidade de fala proposta pela ergologia, assim como as condições físicas e o uso do corpo, visando evitar doenças osteomusculares serão contribuições significativas desta clínica, inclusive para a valorização e continuidade desta atividade secular, no Brasil.

PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Cristophe Dejours é seu principal precursor desde a década de 1980, na França. Baseia-se na Psicanálise, na Ergonomia e na Sociologia do Trabalho. Nesta perspectiva, o indivíduo é constituído tanto por seus conflitos intrapsíquicos quanto pela relação com o outro. Quando este sujeito se percebe de fato reconhecido, consegue transformar as vivências

de sofrimento inerentes ao trabalho em possibilidades de prazer nas atividades que desenvolve. Considera que o trabalho é constituinte do sujeito e seus processos de subjetivação. Para esta abordagem, o trabalho tem tanto uma dimensão real quanto prescrita, baseando-se nos estudos da ergonomia.

Esta abordagem realiza uma análise sociopsíquica do trabalho, tendo como pano de fundo os três aspectos que constituem o contexto laboral: a organização do trabalho, as condições de trabalho e as relações socioprofissionais. A partir deste contexto, visa compreender as vivências de prazer e sofrimento do trabalhador, bem como as estratégias de defesa individuais e coletivas e de mediação do sofrimento como possibilidade de constituir o processo de saúde-doença.

Segundo Dejours (1992, 1999, 2004) e Dejours, Aboucheli e Jayet (1994), quando o trabalhador consegue opinar e agir com liberdade sobre seu ofício, bem como quando se percebe reconhecido e valorizado, ele consegue transformar o sofrimento em possibilidades de prazer. Para tanto, utiliza estratégias defensivas inconscientes para lidar com as contradições do trabalho. Porém, quando estes mecanismos não conseguem dar conta deste sofrimento, o trabalhador fica vulnerável às patologias, principalmente aos transtornos mentais e comportamentais, cujo nexos pode estar relacionado ao trabalho.

Propõe como modelo de pesquisa a prática interventiva, favorecendo um espaço de fala para que o coletivo de trabalhadores possa se apropriar dos seus relatos acerca de suas atividades

e assim modificar a relação subjetiva com o próprio trabalho (Dejours, 2004).

A proposta de Dejours acerca das possibilidades de vivências de prazer no trabalho ajuda a definir o ofício e a missão das benzedadeiras. Elas “escolheram” uma atividade que independe de ganhos financeiros, podem opinar sobre ela, assim como têm liberdade sobre seu ofício, desde que respeitados os rituais e a tradição. É exatamente esta satisfação e o sentido que o trabalho das benzedadeiras tem ao longo da História, que certamente garante a saúde mental dessas profissionais, transmitindo esta missão de geração em geração.

Frankl (2003, 2012) comenta em sua obra sobre o lugar que o trabalho ocupa na vida dos homens. Considerado pelo autor como o principal dentre os valores de criatividade, aqueles em que há uma doação ao mundo, na atualidade é frequente ocupar o primeiro plano em nosso caminhar pela vida. Seria o momento em que o meu próprio, como entrega, se entrelaça com a comunidade em seu caráter de missão, em seu sentido e valor único.

Os textos do autor sobre o trabalho, em sua simplicidade e profundidade, nos parecem funcionar como complemento às perspectivas anteriormente descritas.

O recorrido que fizemos pelas Clínicas do Trabalho, a partir das narrativas das benzedadeiras sobre as suas atividades ilustraram de maneira peremptória a necessidade de, para uma compreensão mais ampla do fenômeno do trabalho, associarmos os conhecimentos que elas propõem aos valores e sentido que Frankl (2003, 2012) acredita estarem na raiz de nossos

comportamentos. Em sua teoria motivacional o autor considera a dimensão espiritual do homem em sua vontade de sentido, liberdade da vontade e responsabilidade, fundamentais para uma experiência de sentido e transcendência na ação do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como explicar que senhoras, em sua maioria analfabetas, guardem uma herança cultural milenar e a transmitam com tamanha segurança, que garantam a sobrevivência deste saber? Quanto a isso, a fala de uma das participantes da pesquisa talvez possa explicar, quando afirma que o maior conhecimento da benzedeira “é o jeito de lidar com as pessoas”, “cuidar da vida”, diz outra. O “jeito” de que elas falam está na forma de receber e atender a cada um que a procura. Uma participante que procurou uma das benzedadeiras disse: “ela me recebeu com muita alegria”. Não há como se categorizar o modo de cuidado das benzedadeiras. Assim como também não se pode restringir a dados, a aspectos, tampouco limitar ao número de atendimentos que fazem.

Ao avaliar o trabalho das benzedadeiras em seu sentido e significado ao longo da história, tem-se a clareza do quão distante seu ofício está do aspecto penoso e de sofrimento atribuído ao trabalho, tanto do aspecto de recompensa pecuniária quanto de moeda de troca dentro da perspectiva capitalista.

O cientificismo produziu, na sociedade, uma mentalidade dominada pela razão e pela técnica, conduzindo o homem cada vez mais ao

individualismo, a uma busca de prazer, satisfação de necessidades imediatas e da estabilidade social, sem muita ou nenhuma reflexão e preocupação com o coletivo. Neste quadro, os valores éticos e morais, a cultura e a tradição que anteriormente serviam como reguladores da vida em sociedade perderam o seu significado e a sua função social.

A sobrevivência da prática da benzeção nos mostra que o homem vive uma espécie de retomada da tradição e dos valores que a ciência e a técnica não conseguem atender.

Pensando nesta questão fomos buscar nas Clínicas do Trabalho, dentro da Psicologia Organizacional e do Trabalho, uma abordagem

que pudesse objetivar este trabalho milenar e de identificar suas características como ofício e missão de promover o bem estar a quem sofre. No entanto, os estudos sobre Saúde Mental e Trabalho, respondem apenas em parte ao que fazem as benzedoras, necessitando para uma compreensão mais ampla a consideração do trabalho como valor e sentido. Consideramos em nosso trabalho tão importante as considerações de Frankl que ousaríamos propor para as Clínicas do Trabalho, o mesmo que um dia foi pensado para a psicoterapia: a logoterapia/análise existencial como complemento necessário e indispensável para uma autêntica e humana clínica do trabalho.

REFERÊNCIAS

- Albornoz, S. (1994) *O que é trabalho?* São Paulo: Brasiliense.
- Aragão, G. (2015). Religião, educação e ética. In: Vitório, J. & Burocchi, A. M. (Org.). *Religião e espaço público: cenários contemporâneos*. São Paulo: Paulinas.
- Bendassolli, P.F. & Soboll, L.A.(2011). Introdução às clínicas do trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações. In Bendassolli, P.F. & Soboll, L.A. (Orgs.). *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. (Vol. 1, pp. 3-16). São Paulo: Atlas.
- Benjamin, W. (1989). *Obras escolhidas*. (Vol. 3, 2a ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Benson, H. & Stark, M. (1998). *Medicina espiritual: o poder essencial da cura*. Rio de Janeiro: Campus.
- Boff, L. (1999). *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes.
- Caldas, L. P. (2007). *Assédio moral do trabalho, sofrimento e impactos na família: estudo com trabalhadores atendidos no CEREST (Centro Especializado em Saúde do Trabalhador), da Prefeitura do Recife/PE*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, Recife, PE, Brasil.
- Clot, Y. (2011). Clínica do trabalho e clínica da atividade. In Bendassolli, P.F. & Soboll, L.A. (Orgs.). *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. (Vol. 1, pp. 71-77). São Paulo: Atlas.
- Dejours, C. (1992) *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez-Oboré.
- Dejours, C., Aboucheli, E. & Jayet, C. (1994). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.

- Dejours, C. (1999) *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: FGV.
- Dejours, C (2004). Subjetividade, trabalho e ação. In *Revista Produção*, Prod. [online]. Set./Dez.14(3), 27-34.
- Dejours, C. & Bège, F. (2010). *Suicídio e trabalho: o que fazer?* (F. Soudant, Trad.). Brasília: Paralelo 15.
- Fernandes, M. A. (2011). In: Peixoto, A. J. & Holanda, A. F. (Coord.) *Fenomenologia do cuidado e do cuidar: perspectivas multidisciplinares*. Curitiba: Juruá.
- Frankl, V. E. (2012). *Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante.
- Gadamer, H. G. (1997). *Verdade e método*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes.
- Gadamer, H. G. (2011). *O caráter oculto da saúde*. (2a ed.). Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes.
- Gagnebin, J. M. (1994). *História e narração em Walter Benjamin*. Campinas/São Paulo: Perspectiva.
- Guilouski, B. & Costa, D. R. (2012). *Ritos e rituais*. II Jornada Interdisciplinar de Pesquisa em Teologia e humanidades (JOINTH) - Subjetivação contemporânea e religiosidade. (ago). Paraná: PUCPR. Recuperado em 13 de janeiro de 2016, da www2.pucpr.br/reol/index.php/2jointh?dd99=pdf&dd1=7577
- Heidegger, M. (2012a). *Ser e Tempo*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes.
- Heidegger, M. (2012b). *Ontologia: hermenêutica da facticidade*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes.
- Heloani, R. (1996). *Organização do trabalhador e administração: uma visão multidisciplinar*. São Paulo: Cortez.
- Inwood, M. (2004). *Heidegger*. São Paulo: Loyola.
- Lawn, C. (2011). *Compreender Gadamer*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes.
- Leite, M. P. (1994). *O futuro do trabalho: novas tecnologias e subjetividade operária*. São Paulo: Página Aberta.
- Lévy, M. (1997) Ciências clínicas e organizações sociais. In Bendassolli, P.F. & Soboll, L.A. (orgs.). *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas.
- Lima, M. E. (2011). Abordagens Clínicas e saúde mental no trabalho. In Bendassolli, P.F. & Soboll, L.A. (orgs.). *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. (Vol. 1, pp.227-253). São Paulo: Atlas.
- Lipietz, A. (1991). *A audácia: uma alternativa para o século 21*. São Paulo: Nobel.
- Macêdo, S (2015). *Clínica Humanista-Fenomenológica do Trabalho: a construção de uma ação diferenciada diante do sofrimento no e por causa do trabalho*. Curitiba: Juruá.
- Mattoso, J. A.(1995). *A desordem no trabalho*. São Paulo: Página Aberta.
- Minayo, M. C. (1993). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (2a ed.). Rio de Janeiro/São Paulo: ABRASCO/HUCITEC.
- Oliveira, E. R. (1985). *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense.
- Perrot, M. (2007). *Minha história de mulheres*. São Paulo: Contexto.

- Pompa, C. (2003). *Religião como tradução: missionário, tupis e “tapuias” no Brasil colonial*. Bauru/São Paulo: Edusc.
- Priori, M. (Org.) (1997). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Quitana, A. (1999). *A ciência da benzedura*. São Paulo: Cortez.
- Rohden, L. (2005). *Hermenêutica filosófica*. Rio Grande do Sul: Unisinos.
- Schwartz, Y (2011). Manifesto por um ergoengajamento. In Bendassolli, P.F. & Soboll, L.A. (orgs.). *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. (Vol. 1, pp. 132-164). São Paulo: Atlas.
- Zanelli, J. C. & colaboradores. (2010). *Estresse nas organizações de trabalho: compreensão e intervenção baseadas em evidências*. Porto Alegre: Artmed.

Enviado em: 22/01/2016

Aceito em: 01/12/2016

SOBRE OS AUTORES

Maria Jeane dos Santos Alves. Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (2016), mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (2009) e Possui graduação em Psicologia pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió (1991). Professora de psicologia do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe- UFS. Membro da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião - Soter. Desenvolve pesquisas em Psicologia e religião. Atuando principalmente nos seguintes temas: Psicologia, Religião, saúde e terapêuticas populares.

Marcus Tulio Caldas. Doutorado em Psicologia pela Universidade de Deusto (1999). Atualmente é médico psiquiatra do Governo do Estado de Pernambuco e professor adjunto II da Universidade Católica de Pernambuco. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica, atuando principalmente nos seguintes temas: clínica fenomenológica existencial, alcoolismo e outras drogas, trabalho, psicopatologia e psicoterapia.

Laura Pedrosa Caldas. Doutora em Psicologia Clínica no Trabalho (tema da Tese: “Proposta de intervenção psicossocial na gestão do absenteísmo por doenças mentais”) e Mestre em Psicologia Clínica com ênfase nas Instituições (tema da dissertação: “Assédio moral no trabalho e repercussões na dinâmica familiar”). Coordenadora do Núcleo de Psicologia - Pós-Graduações (Faculdade Redentor/IDE Cursos de Pós Graduação) Docente de Graduação e Pós Graduação (IES convidada) Psicóloga da CHESF (Companhia Hidro Elétrica do São Francisco) Psicóloga Perita no TRT 6ª Região.

Rosana de Fátima Oliveira Pedrosa. Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco, na linha de Práticas Psicológicas em Instituições (2016), possui Mestrado em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco (2003), Especialização em Gestão da Capacidade Humana nas Organizações pela Faculdade de Ciências da Administração de Pernambuco (1995) e Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco em 1985.